

“POOR THINGS”: ATRAVESSAMENTOS HEGEMÔNIOS EM CORPOS GENERIFICADOS

“POOR THINGS”: HEGEMONIC CROSSINGS IN GENERIFIED BODIES

Matheus de Souza Silva¹

RESUMO

A presente resenha crítica busca analisar o filme “Poor Things”, lançado em 8 de dezembro de 2023 nos Estados Unidos e em 1 de fevereiro de 2024 no Brasil. A película foi indicada a 11 categorias no Oscar, tendo vencido 4 delas. Protagonizado pela atriz Emma Stone e com direção de Yorgos Lanthimos, o filme apresenta a história de Bella Baxter que retorna a vida após o cientista Dr. Godwin Baxter implantar o cérebro do bebê na mãe que estava grávida. A obra é uma importante fonte de reflexão para discutir sobre os processos de sujeição, a partir dos estudos de Foucault (2021; 2022). Além disso, ao exibir as descobertas sexuais da protagonista, leva a observar aspectos do desenvolvimento corporal dos indivíduos. Tendo levantado discussões entre pensadores feministas, ao por em evidência a repressão vivenciada pela performance generificada de Bella Baxter a obra serve como estímulo para debates de ordem existencial e social no que tange como dinâmicas de poder interpelam a formação de corpos precarizados.

Palavras-chave: Corpos; feminismo; sujeição.

ABSTRACT

This critical review seeks to analyze the film “Poor Things”, released on December 8, 2023 in the United States and on February 1, 2024 in Brazil. The film was nominated for 11 Oscar categories, winning 4 of them. Starring Emma Stone and directed by Yorgos Lanthimos, the film tells the story of Bella Baxter who comes back to life after scientist Dr. Godwin Baxter implants the baby's brain in her pregnant mother. The work is an important source of reflection for discussing the processes of subjection, based on the studies of Foucault (2021; 2022). Furthermore, by showing the protagonist's sexual discoveries, it leads us to observe aspects of the bodily development of individuals. Having raised discussions among feminist thinkers, by highlighting the repression experienced by Bella Baxter's generified performance, the work serves as a stimulus for existential and social debates on how power dynamics interpellate the formation of precarious bodies.

Keywords: Bodies; feminism; subjection.

¹ Bolsista acadêmico pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Advogado. Mestrando em Direito na linha de pesquisa Direitos Humanos em Vulneráveis pelo Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade Federal de Sergipe (PRODIR/UFS). Bacharel em Direito pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Pesquisador do Núcleo de Estudos em Tribunais Internacionais da Faculdade de Direito da USP (NETI-USP). Membro do Grupo de Pesquisa Desigualdade(s) e Direitos Fundamentais.

Obras cinematográficas caracterizadas pelo estranhamento sempre levam a provocações em torno de questões sociais e políticas. Certamente *Poor Things*² (2024) é uma dessas, não é à toa a repercussão e as controvérsias provocadas. O filme tem direção do cineasta grego Yorgos Lanthimos, com história e roteiro de Tony McNamara e é protagonizado por Emma Stone — vencedora do Oscar, BAFTA e Globo de Ouro de melhor atriz pelo desempenho ousado e complexo neste filme. Trata-se de uma adaptação cinematográfica do livro homônimo escrito pelo escocês Alasdair Grasy e publicado em 1992.

Antecipadamente, a obra atrai sobretudo pela forte expressão artística em seu aspecto estético. As primeiras cenas recebem um filtro preto e branco, mas, posteriormente, utiliza-se de um filtro saturado com fortes cores — seja nas roupas da protagonista com mangas bufantes, nas paisagens em que se destaca um céu roxo, azul e laranja ou nas ambientações entre Londres, Lisboa e Paris do período retratado. A cenografia, em diversos momentos, provoca uma indução a existência fantasiosa, fortalecida pelos aspectos surrealistas que o filme apresenta — como o dos animais da residência do cientista.

O enredo, nesta resenha exposto de forma simplória, desde já produz sensações intencionalmente desconfortantes: na Londres vitoriana, após um suicídio, enquanto estava grávida, quando era Victoria Blessington e se jogou de uma ponte, a protagonista Bella Baxter retorna a vida depois que o cientista Dr. Godwin Baxter, ou simplesmente God³, implanta o cérebro do bebê no corpo da própria mãe.

Apesar dessa experimentação provocar inicialmente uma espécie de repulsa naquele que é espectador, o ponto que merece ser discutido e com maior recepção de provocações e críticas diz respeito à imagem atribuída a sexualidade no decorrer da obra. O conteúdo apresentado provocou discussões no sentido de que haveria um excesso de cenas com caráter sexual, gerando um julgamento ou percepção do espectador em visualizar como o conteúdo com objetivo mais de pornografia do que como elemento artístico essencial ao próprio enredo.

O desenvolvimento do filme, antes das primeiras cenas que tratam sobre a descoberta sexual a partir do próprio corpo, mostra Bella Baxter, com seu cérebro implantado de criança, passando pelo processo comum à humanidade de

² A versão brasileira recebeu nome de Pobres Criaturas.

³ Na língua inglesa, God refere-se a Deus. Neste ponto, o nome do cientista que realizou o experimento com Bella põe em imaginação a ideia de um criador.

aprendizagem e de desenvolvimento cognitivo e físico que é peculiar a essa faixa etária. Nesse momento, sendo considerada objeto de um experimento científico, cada passo e expressão era observado e estudado pelo Dr. God e seu aluno Max McCandles, que acompanha todo o processo em que Bella aprende a falar, se expressar e andar.

As questões atinentes à sexualidade começam a ser levantadas desde o instante em que, com uma maçã — que, intencionalmente ou não, é a mesma fruta associada ao pecado pelo pensamento hegemônico cristão — e uma banana, Bella descobre o prazer se masturbando, de forma que caracteriza aquela descoberta como uma sensação de grande felicidade. De outro modo, permite-se extrair uma leitura de que a cena demonstra aquele primeiro contato de sensibilidade em que um indivíduo aprende a lidar com seu próprio corpo.

Esse momento é fulcral para observar como a obra passa a ser direcionada a um itinerário no qual a protagonista busca acesso a sua dimensão sexual e a todas as possibilidades de expressão corporal. Em cena com caráter cômico, a protagonista até mesmo se questiona o porquê de as pessoas não fazerem isso o tempo todo, dada a felicidade em que se encontrava. Juntamente a esse trecho, o filme parte para um momento em que apresenta as limitações biológicas do prazer que há em um corpo historicamente construído como masculino.

Ocorre que as críticas vindas no entorno da figura da mulher e sua associação ao sexo sustentam que o filme estaria apresentando uma “fantasia retrograda da feminilidade através das lentes do olhar masculino, em que as mulheres transam para se empoderar e se autodescobrirem” (Mastermind, 2024). Ao que é tratado como olhar masculino diz respeito ao fato, aqui já citado, da direção e da obra original ser escrita por homens.

Quando consideramos o percorrer do filme, as várias cenas buscam retratar o enfrentamento de Bella Baxter com o comportamento do que seria adequado para a performance de uma mulher. A discussão do gênero sobre o domínio patriarcal, deste modo, sobressai. Nesta análise, destaco como as inscrições da sociedade no corpo e na manifestação da sexualidade.

Em suas obras paradigmáticas que compõem a coletânea *História da Sexualidade*, Foucault (2022) levanta a repressão em torno do sexo, ao ponto de como a reflexão e a produção de pensamento científico sobre esse campo seria uma transgressão moral. Indo além, o teórico dispõe como o dispositivo da sexualidade foi

o ponto fulcral de exercício biopolítico, no qual a dinâmica de poder se dá pela regulação e a administração dos corpos na vida.

A teoria construída pelo filósofo observa como o corpo tornou-se o objeto central de toda a política (Preciado, 2023). O que se observa é justamente como as relações de poder interpelam o sujeito de modo a fabricar o corpo e moldar, especialmente para o meio das tecnologias de poder, como quando prefigura modelos de discurso (Preciado, 2023).

O motivo para a centralidade do sexo, enquanto objeto de repressão e controle do poder, resulta da sua dicotomia: ao mesmo tempo em que faz parte de um instrumento da disciplina do corpo, tendo em vista exercer a individualidade, também pode ser inseguro como mecanismo para a regulação das populações, posto que é o modo para a reprodução da espécie (Foucault, 2021).

No que tange a performance de Bella Baxter, a reflexão provocada por Foucault (2021) leva a questionar como a construção social do gênero feminino esteve ordenada e restrita a uma função de reprodução. Ou seja, nega-se o prazer ao corpo feminino. Ao trazer esta análise, destaca-se como a sexualidade ultrapassa as suas práticas e figura como um modo político usado para ser um instrumento de dominação que subjuga corpos específicos. Nesse sentido, “o dispositivo da sexualidade deve ser pensado a partir das técnicas de poder que lhe são contemporâneas” (Foucault, 2022, p. 163).

A reflexão extraída do material da obra cinematográfica conduz a um cenário onde os processos de subjetivação emergem dentro das experimentações sexuais de Bella Baxter e especialmente denuncia como a protagonista desafia as normas sociais que a impelem enquanto poder. No meio dessa reivindicação, a sua libido e o seu impulso carnal constante, somados ao anseio de conhecer o mundo, revelam a busca por liberdade que deseja Bella como um espírito livre. Trata-se, logo, de um eterno confronto da performance com as próprias concepções dominantes de sexualidade que a vulnerabilizam enquanto corpo generificado.

Na medida que as normas sociais buscam impetrar e regular o comportamento social de Bella Baxter, pode-se destacar um contexto em que comprova como o corpo, embasando tal reflexão, a partir da teoria performativa de Butler (2022), apresenta uma existência somente com a marca do seu gênero. Com isso, o sujeito é socialmente construído pelo que é hegemonicamente definido, de modo que as

práticas sexuais não são livres, mas induzidas a performar pelo ideal imposto ao corpo do que é atribuído como gênero à mulher.

Diante disso, observa-se como a sexualidade passa a perpetuar as estruturas que contém relações de poder (Butler, 2022). Entretanto, quando examinamos a opção do filme em constituir as descobertas exclusivamente na seara cisheteronormativa, sem existir os questionamentos, nos leva a perceber que as próprias experiências de Bella Baxter e a escolha de como retratá-las surgem de concepções hegemônicas no campo da sexualidade.

As provocações referentes a sexualidade na obra amplia-se quando a personagem principal entra no cenário da prostituição quando chega a Paris. A ignorância do ato de ganhar dinheiro por realizar o ato sexual com outra pessoa mais uma vez leva a refletir como os sujeitos são impetrados pelas estruturas sociais que reprimem a sexualidade, especialmente as de caráter conservadoras. A situação trazida questiona o espectador sobre a representação moral carregada de estigmas que aprendemos sobre a prostituição, em um modo social de aproveitamento livre do corpo.

Ademais, dentro das cenas que desenrolam esse momento da obra, há um notório referencial ao socialismo e as teorias de Karl Marx. De forma sarcástica, Bella faz uma analogia com ser prostituta e ser dona dos meios de produção dessa profissão, ou seja, do próprio corpo. Vale até mesmo citar que, em outro momento, quando chega em Alexandria, o encantamento e o anseio de Bella Baxter com o mundo se chocam quando a personagem descobre a pobreza e se assusta com as condições precarizadas em que outras pessoas vivem.

Poor Things, portanto, passeia por reflexões de caráter político e social de um ser que, ao longo de sua caminhada, exprime suas emoções e percebe as fragilidades humanas. A existência de Bella Baxter contradita a busca por uma liberdade e pelo encantamento com o que existe no mundo e o encontro com o negativo, quando constadas as desigualdades sociais e a crueldade humana.

Por fim, destaca-se que, ao desafiar a normatividade de performance imposta ao corpo da mulher, Bella Baxter corria o risco de ser vítima do que seria uma espécie de ato coercitivos de correção (Butler, 2022) violento, quando poderia ter seu clitóris cortado com o intuito de houvesse um fim do que seria sua falta de pudor em razão dos seus desejos carnis.

A propósito, como destaca Preciado (2022), o sistema e a estrutura histórica que construiu o gênero e a sexualidade baseia-se na legitimação do patriarcado heterocolonial como ordem. Consoante a isso, a normatividade objetiva categorizar e produzir pessoas situadas em um *locus* subalterno em que predomina o controle e a violência (Preciado, 2022) — aqui tratada sob a perspectiva arendtiana, enquanto instrumento de poder.

A moralidade carregada na expressão de um descobrimento sexual livre das normas sociais conduz a percepção de como a sexualidade é ao mesmo tempo o lugar de maior externalização da individualidade do sujeito, mas, equitativamente, é o espaço de maior regulação, especialmente pelo desmoronamento da moral (Foucault, 2021). Assim, a manifestação da sexualidade se estabelece essencialmente fora do sujeito (Butler, 2022) e de seu corpo generificado.

A obra, assim sendo, denuncia as tentativas dos personagens masculinos de controlar as movimentações corporais da personagem principal que luta pela sua autonomia — seja sexual até mesmo existencial, quando anseia pela reflexão filosófica, sendo impedida.

Com intenções feministas ou não, *Poor Things* é recebida como uma fábula que provoca inquietações por tocar na repressão que há em torno da sexualidade generificada na imaginação do corpo feminino. As consequências de quando Bella Baxter se reconhece como sujeito de desejo (Foucault, 2022) exemplificam como os corpos sofrem tentativas de dominação sendo atravessados por estruturas de controle da subjetividade.

O que pode sobrar das imagens produzidas por essa consciência cinematográfica? Que todos precisamos estar despertos a esse eterno processo de atravessamento de estruturas hegemônicas em nossas expressões corporais e práticas sexuais, especificamente porque convencionam e subalternam corpos e existências específicas.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: 1. A vontade do saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilho Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

FOUCAULT, M. *Sobre a sexualidade: cursos e trabalhos de Michel Foucault antes do College de France*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

POOR things. Direção: yorgos lanthimos. Produção: Daniel Battsek. Estados Unidos: 20th Century Studios, 2024.

PRECIADO, P. B. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

MASTERMIND. *Sex and Power in Yorgos Lanthimos's Poor Things*. 2024. Disponível em: <https://mastermindparis.com/features/sex-and-power-in-yorgos-lanthimoss-poor-things/>. Acesso em: 05 mar. 2024.